



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **O SOCIAL PELA LENTE PARODÍSTICA DE GERMANO ALMEIDA EM *O TESTAMENTO DO SENHOR NAPUMOCENO***

Eidson Miguel da Silva Marcos

(Universidade Estadual da Paraíba/Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

eidson\_miguel@hotmail.com

Amarino Oliveira de Queiroz

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

amarinoqueiroz@yahoo.com.br

Tomando como ponto de partida o raciocínio de Antonio Candido (2010, p. 14), para quem “o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*”, buscaremos verificar, no decorrer deste artigo, como o elemento social é captado através da paródia no romance *O Testamento do Sr. Napumoceno*, do escritor cabo-verdiano Germano Almeida, assim como averiguar que leituras este elemento social, captado pela lente do autor, faz emergir da obra em questão.

Germano de Almeida é natural da ilha de Boa Vista, onde nasceu em 1945. Autor de mais de 12 romances, entre os quais se destacam *Os Dois Irmãos*, *A Família Trago* e *O Mar da Lajinha*, enveredou também pela crônica, gênero em que seapura o caráter humorístico de uma escrita que, para vários estudiosos de sua obra, introduz o discurso parodístico na moderna literatura do arquipélago. Advogado experiente, ex-procurador da República e ex-deputado eleito pelo Movimento Para a Democracia de Cabo Verde, foi também diretor do jornal *Agaviva*. Seu romance *O Testamento do Sr. Napumoceno* apresenta a trajetória de Napumoceno da Silva Araújo, um abastado comerciante da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

cidade do Mindelo que, dez anos antes de morrer, escreve um testamento de 387 laudas, elemento deflagrador da trama Durante sua abertura e leitura pública, ocorrida já no início da narrativa, vão sendo apresentadas em flash backs outras facetas do ser humano que existia por trás da imagem de comerciante solteirão e metódico cultivada socialmente.

Nas várias páginas que lega à posteridade, o Sr. Napumoceno relata toda a sua trajetória desde a infância descalça, passando pelo enriquecimento através do trabalho, da sorte e de alguma esperteza, levando o leitor a alguns surpreendentes detalhes de sua vida privada, marcada por relações amorosas e políticas que chocariam a população mindelense e esboçariam um particular panorama da cidade cabo-verdiana no período anterior à independência de Portugal, ou seja, as décadas que precederam o ano de 1975. A narrativa intercala dois momentos temporais: um, que apresenta o desenvolvimento da vida de algumas personagens já influenciadas pelo conteúdo do testamento, a exemplo de Carlos Araújo e Maria da Graça, sobrinho e filha bastarda do falecido, e outro momento, mais recuado, que mostra a vida até então desconhecida e surpreendente do Sr. Napumoceno.

A maneira como o autor caracteriza e ambienta as personagens, dentre outros fatores, nos leva a perceber uma proposta de certa conexão com a realidade social na qual ele próprio se insere, levando-nos

a crer que o autor, ao escrever este romance em particular, estaria movido pelo intuito de esboçar, através da sua obra, um quadro crítico da realidade em que vivia, apontando “problemas” (corrupção, promiscuidade etc.) a partir da análise dos quais se vislumbram soluções possíveis” (MARCOS e QUEIROZ, 2010, p. 174)

De acordo com a pesquisadora Maria Manuela Lopes Guerreiro, pelo recurso da ficcionalização “forçosamente existe uma correlação autor/obra, fruto da observação e vivência pessoal do autor” (GUERREIRO, 1998, p. 45, grifos da autora), uma vez que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Transpondo a realidade para a ficção, o autor através da personagem principal, **Napumoceno da Silva Araújo**, dá-nos a conhecer os aspectos sociais e políticos de Cabo Verde num período de grande agitação antes e depois de 25 de Abril de 1974, período marcado pela ocorrência de mudanças profundas naquela sociedade, nomeadamente a independência que teve lugar a 5 de Julho de 1975. (GUERREIRO, 1998, p. 44).<sup>1</sup>

Neste sentido, algumas evidências podem ser apreendidas no próprio discurso do narrador, onde é esboçado, em perspectiva teórica, o exercício crítico da sociedade cabo-verdiana, como pode ser observado a seguir:

São Vicente é uma ilha de povoamento recente, feito com recursos aos naturais das outras ilhas que a seca, a falta de trabalho e outras misérias forçaram à migração. Ora essas criaturas abandonam ilhas de fortes tradições próprias e já com enraizadas formas de estar no mundo para de repente se lançarem num espaço não só agreste como também relativamente hostil e onde, para sobreviver, são obrigados a miscigenar diferentes culturas regionais com o conseqüente prejuízo de nenhuma delas ser suficientemente majoritária para se impor. E é esta circunstância, mais a ausência de uma ancestral ligação a esta terra, que faz do homem de São Vicente um ser leviano e fluido... (ALMEIDA, 1996, p. 131).

Ou, ainda, nesta outra passagem:

Mas como se tudo isso já não fosse suficiente, a população que habita esta ilha, viu-se logo no início do processo de formação daquilo que poderia vir a ser uma *sui generis* cultura regional, submetida e influenciada por uma outra cultura, a inglesa, não só poderosa como rígida e dominadora e que por isso mesmo passou a ser o ponto de referência essencial para todo residente desta ilha, sem prejuízo, bem entendido, da constante passagem de outras formas culturais estrangeiras menos notórias mas nem por isso menos marcantes, e a conseqüência de tudo isto é na verdade de o homem de São Vicente ser o mais inautêntico de Cabo Verde.” (ALMEIDA, 1996, p. 132).

A hipocrisia de uma sociedade que se esconde por trás das aparências também é captada pela lente de Germano Almeida, por intermédio de um narrador que penetra no

---

<sup>1</sup> O romance em questão foi levado ao cinema numa parceria inaugural entre Cabo Verde, Brasil e Portugal que reuniu elenco e técnicos dos três países.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

íntimo das personagens e que sabe, por exemplo, que “Carlos fez das tripas coração e inventou forças para um sorriso e um porra para toda essa merda!” (ALMEIDA, 1996, p. 12) ao descobrir que não herdara o controle dos negócios do falecido tio, que, respeitoso e metódico como era, revela no testamento a existência de uma filha bastarda, Maria da Graça, fruto de uma aventura com uma funcionária, a qual herdaria não somente o patrimônio acumulado como o efetivo controle dos negócios:

A ligação das personagens com o narrador é muito forte dentro do universo diegético, dado que por diversas vezes estabelece com elas ligações, emite juízos de valor a seu respeito, ou formaliza ainda enunciados que funcionam como elos de ligação” (GUERREIRO, 1998, P. 79).

Carlos, o sobrinho, que antes da leitura do testamento era só lamentos e desejos de satisfazer as últimas vontades do estimado tio, após a descoberta das indicações do documento não consegue engolir um “que se foda no inferno o velho danado!” (ALMEIDA, 1996, p. 12), pelo que recebe a repreensão do amigo. Afinal, “aquelas palavras e modos desabridos não se coadunavam nem com o homem que ele era e que todos conheciam nem com o luto carregado que ele trazia” (ALMEIDA, 1996, p. 12). A lente de Germano Almeida nos mostra o outro lado da aparência, o que não corresponde à imagem do homem que as pessoas conhecem. Vemos, então, o comportamento social ser arremedado por meio dessas cenas cômicas, onde os dados da hipocrisia e da falácia das aparências são captados pela lente parodística e expostos ao leitor.

Nessa tônica, são apresentados aspectos de diversos segmentos da sociedade, visto que:

**O espaço social no Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo**, oferece-nos um quadro dinâmico da cidade de **Mindelo**, ambiente onde as personagens se movem e que está organizado como um todo socialmente funcional.

A estrutura familiar, através dos chamados laços de sangue e que se articula na obra através das personagens Carlos e Napumoceno, seu tio, conferem um carácter de protecção e abnegações mútuas, normalmente presentes no conceito da família tradicional.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Também as estruturas comerciais de **Mindelo** onde não faltam referências ao contrabando, e a sua ligação ao **Porto Grande**, constituem uma verdadeira instituição social, em torno da qual se orientam grande parte das ações e onde prevalecem os interesses individuais.

As organizações políticas, nomeadamente nas referências ao PAIGC e à Câmara Municipal, a cuja vereação Napumoceno ascendeu, são estruturas em torno das quais, se desenham os contornos de vários contextos políticos, arquitetando ideias, vaticinando-se futuros e estabelecendo-se comparações com organizações externas, nomeadamente quando Napumoceno compara o poder municipal de **Cabo Verde** ao poder municipal da **Ámerica**. São os vários empenhamentos e/ou retracções de Napumoceno que permitem avaliar os vários momentos da vivência política num dado momento em **Cabo Verde**. (GUERREIRO, 1998, pp. 76-77, grifos da autora).

O conteúdo destes fragmentos deixa entrever a proposta do autor de dialogar com uma dada realidade social, de captá-la em suas lentes para devolver um diagnóstico de seus males, ou, como afirma Maria Manuela Lopes Guerreiro, reportando-se, para tanto, a autores como Manuel Ferreira e Gabriel Mariano (grifos da autora):

(...) Manuel Ferreira afirmara que era partidário duma literatura social e que a sua visão era a de *agarrar no social e transformar isso em literatura (...)* *uma literatura sem essa parte é uma literatura coxa, uma literatura a que lhe falta um braço ou coisa parecida.*

Partilhando idêntica opinião **Gabriel Mariano** afirmaria que *o escritor é um ser humano, ou seja, é um ser social, envolvido e condicionado pela cultura da sua sociedade. A literatura é um fenómeno social e a obra literária é um modo de comportamento específico do escritor.*

Tomando como referência as duas afirmações anteriores provenientes de duas *autoridades* do mundo da cultura cabo-verdiana, poderemos afirmar que elas estão subjacentes às diretrizes que moveram **Germano de Almeida** ao escrever **O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo**, dado que através deste romance conseguiu transmitir uma visão grandiosa da sócio-cultura de Cabo Verde. (GUERREIRO, 1998, p. 83).

Para a concretização dos objetivos a que nos propusemos, se faz necessário compreender até que ponto, e em que grau o elemento social pode estar presente em uma obra literária para que, como insinuávamos, possa ser analisado. Neste sentido, o sociólogo e crítico de literatura Antonio Candido entende que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, idéias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (...) ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que já de essencial na obra enquanto obra de arte. (CANDIDO 2010, p. 14 e 15).

Em *O Testamento do Sr. Napumoceno*, percebemos referências a ambientes, a períodos históricos e costumes, dentre outros aspectos que, captados por uma lente parodística, norteiam a relação entre o elemento social e o literário da obra. A paródia, *grosso modo*, aponta para um texto que dialoga com outro, pervertendo-o e ironizando seu sentido. Ao moldar personagens forjadas sobre características comuns a tipos sociais cabo-verdianos, e ao ambientar o romance em um tempo e lugares que remetem a períodos e espaços reais emblemáticos de Cabo Verde, Germano Almeida capta aspectos dessa realidade, convertendo-os em elementos estruturais de sua obra, apresentados sob uma ótica burlesca que mostra o que está por trás das aparências ou, conforme já havíamos referido em outro momento;

O tempo e o espaço que permeiam a obra coincidem com períodos políticos emblemáticos na história de Cabo Verde. Essa construção do espaço, do tempo e das personagens em *O Testamento do Sr. Napumoceno*, com os elementos específicos que remetem a certos períodos marcantes da trajetória da terra natal do autor, certas características de grupos sociais, de figuras da comunidade, levam o leitor a configurar impressões determinadas, ligadas a pontos de vista da realidade que contemplam conceitos valorativos da sociedade em seus vários aspectos morais, sócio-econômicos etc. (MARCOS e QUEIROZ, 2010, p. 174)

Esse recurso não é exclusividade desta obra de Germano Almeida em especial, como podemos perceber nas palavras de Queiroz (2007). Ao tecer comentários acerca dos recursos estilísticos utilizados por Germano no consagrado romance *A Família Trago*, mais especificamente sobre o seu foco narrativo, o pesquisador afirma que

Germano Almeida inicia a obra na perspectiva de um autor autodiegético, que participa da ação não apenas na condição de contador de histórias, mas efetivamente posicionado como elemento representativo da própria família Trago. É esse narrador quem, recorrendo à recriação da memória familiar, realiza uma descrição paródica deste universo, o que torna possível a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

constatação de que, já a partir de suas primeiras páginas, o livro aponta para um signo de comicidade que conduzirá todo o seu desenvolvimento. QUEIROZ (2007, p. 90).

Seguindo por essa via, e considerando que a arte literária é “comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas no artista, mais que transmissão de noções e conceitos” (CANDIDO, 2010, p. 31), podemos acrescentar que Germano Almeida buscou expressar concepções acerca de um dado recorte sócio-histórico-cultural de Cabo Verde, que tencionou uma proximidade com o social, o que a presença de teorias acerca da situação da ilha de São Vicente acima referidas reforça, evidenciando um viés crítico humorístico captado e lançado ao leitor pela sua lente parodística.

A respeito dessa proximidade com o elemento social, é notória a relação entre tal elemento - principalmente no tocante ao recente passado colonial e seu legado ao continente africano - e a atual escrita de inúmeros autores do continente, inclusive caboverdianos. Criadores como estes, estudiosos da(s) literatura(s) africana(s), acentuam em seus textos a relação da literatura com os fatores políticos e sócio-econômicos decorrentes da experiência colonial europeia. Bem a propósito, o sociólogo e crítico de literatura angolano José Carlos Venâncio defende que “é impossível conceber a formação do que geralmente designamos de literatura africana (i. e., literatura africana em línguas europeias) desligada do fenômeno do colonialismo” (VENÂNCIO, 1992, p. 6).

Por sua vez, Queiroz (2007) entende que “torna-se importante atentar para o fato de que a apreciação crítica do texto literário africano não poderá realizar-se de modo mais efetivo se o dissociamos de seu respectivo contexto cultural e político” (p. 49-50), isto porque, após longos períodos de vigência de regimes colonialistas no continente, cujos processos iniciaram-se desde o século XIV, desenvolveram-se movimentos artísticos, políticos e milicianos no intuito de promover a independência, a autonomia e a autodeterminação das colônias africanas de suas metrópoles europeias. Esta movimentação se acentuaria, como se sabe, durante as décadas de 50 e 70 do século passado;



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

É nesta fase de lutas anticolonialistas que começa a se intensificar, juntamente com o surgimento dos novos Estados nacionais, a conformação de perfis identitários diferenciados, nos quais a produção literária oral e escrita desempenharia papel fundamental (QUEIROZ, 2007, p. 49).

Também Moema Parente Augel (2006) assegura que durante e após os regimes coloniais nos países africanos a literatura aí produzida irá dialogar estreitamente com os contextos sócio-políticos pelo fato de o escritor africano, imerso nesse ambiente, buscar captar

as tensões e as antíteses de uma sociedade em que o componente racial condiciona tanto as relações sociais e políticas quanto as econômicas e culturais, mostrando-se especialmente hábil em captar os conflitos entre a mentalidade do colonizador e a dos nacionais (AUGEL, 2006, p. 9).

Em Cabo Verde, inclusive, os movimentos que marcaram o século XX ocorreram marcadamente no campo artístico/intelectual. Em virtude de fatores como a insularidade de seu território (SPÍNOLA, 2011:

os trabalhadores não têm tanta força como em outras terras. Não é uma força tão grande do ponto de vista econômico, porque na nossa terra é fundamentalmente no campo, que reside a grande força econômica. Mas no campo era quase impossível fazer greves” (CABRAL, s/d, p. 22).

Esta luta por autodeterminação se deu principalmente de forma política clandestina até a independência. Ideais de autonomia começam a se consolidar na década de 40 do século passado, intensificando-se a partir de 1956, com a criação, na capital da Guiné Bissau, do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde), cujo principal ideólogo e promotor foi Amílcar Cabral.

No que concerne à busca pela cabo-verdianidade, os movimentos literários foram cruciais nesse aspecto. O movimento dos claridosos, cujo carro chefe era, como se sabe, a revista literária Claridade, “tinha por ideário programático “fincar os pés na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

terra” como imagem lapidar da assunção do real (social, cultural e antropológico) crioulo” (GOMES, 2008, p. 118) e “tratar os problemas do homem cabo-verdiano (as estiagens, a decadência do Porto Grande, o encerramento da emigração para os Estados Unidos da América, a abertura do contrato para as roças de S. Tomé)” (SEMEDO, 2001, p. 256). Fincar os pés na terra era crucial para as aspirações de autonomia, já que, de acordo com o ideário que norteou este processo, “não é possível lutar de facto pela independência de um povo, não é possível estabelecer de facto uma luta armada (...) sem conhecermos a sério a nossa realidade e sem partirmos a sério dessa realidade para fazer a luta” (CABRAL, p. 21, ).

As relações entre literatura e sócio-cultura em Cabo-Verde são marcantes no decorrer do processo autonômico e durante/após sua consolidação, atuando no seio de confrontos político-ideológicos e identitários idealistas (seja refletindo seja refratando o contexto), marcadamente no âmbito da busca de “reconstrução nacional” por parte das forças políticas que assumiram a direção dos rumos de Cabo Verde após a proclamação de sua independência, pois, como nos informa o poeta e crítico literário cabo-verdiano José Luís Hopffer Almada;

são visíveis os esforços do novo poder no sentido de otimização política da obra literária (que não do discurso ensaístico e identitário) dos claridosos e dos neo-claridosos, como Jorge Barbosa, Baltazar Lopes da Silva e Manuel Lopes, (...) consagrados como autores e elementos nucleares dos currículos escolares. Os mesmos esforços foram igualmente extensivos à recuperação política e/ou técnico-administrativa de alguns dos seus eventuais críticos e a sua seqüente integração quer no sistema de partido único e na “saga da reconstrução nacional” quer ainda na construção de um discurso de sedimentação nacionalistas das tragédias dos flagelados do vento leste e da saga da sobrevivência da nação cabo-verdiana contra todas as calamidades climatéricas e históricas. ”. (ALMADA, 2007, p. 37) <sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> ALMADA, José Luís Hopffer. *Das tragédias históricas do povo cabo-verdiano e da saga da sua constituição e da sua consolidação como nação crioula soberana*. In <http://tertuliacrioula.com/2010/01/das-tragedias-historicas-do-povo-caboverdeano/> Acessado em: 28 dez 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Valorizar a língua crioula cabo-verdiana, lançar as bases de uma identidade cultural própria e afastar os escritores nacionais dos “cânones portugueses e [levá-los a] exprimir a voz coletiva do povo cabo-verdiano, naquilo que ele possui de mais autêntico” (LARANJEIRA, 1995, p. 190) estava no escopo de movimentos literários cabo-verdianos e africanos, evidenciando as estreitas (ou, pelos menos, a busca de) conexões entre o elemento social e o literário, bem como das perspectivas político-ideológicas de captar o social. através do exercício poético e ficcional.

Assim, percebemos que, no contexto em que se desdobram os fenômenos dos quais nos ocupamos, a relação entre o elemento social e o literário se faz bem mais estreita pelo fato de os escritores estarem de tal forma envolvidos nos conflitos que os marcaram real e simbolicamente. que, por meio de sua arte literária, parecem querer dialogar, criticar e compreender os lugares e os fenômenos sócio-históricos em que se inserem.

Pelo exposto, poderemos concluir que, conforme preconiza Antonio Candido (2008), ao apontar a relação entre o elemento social e o literário, o discurso literário cabo-verdiano, marcado durante certo tempo por temas como a seca e o subsequente imperativo da emigração involuntária, apresenta, no período pós-independência, possibilidades de apreensão caracterizadas por um viés abertamente humorístico, a exemplo do elemento social captado pela lente parodística de Germano Almeida em *O Testamento do Sr. Napumoceno*, uma vez que “a paródia e o humor se inserem, pela via ficcional, como importantes elementos de aferição crítica de seu contexto sócio-histórico” (MARCOS e QUEIROZ, 2010, p. 171)

#### **FONTES CONSULTADAS:**

ALMADA, José Luís Hopffer. *Das tragédias históricas do povo cabo-verdiano e da saga da sua constituição e da sua consolidação como nação crioula soberana*. In



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

<http://tertuliacrioula.com/2010/01/das-tragedias-historicas-do-povo-caboverdeano/>

Acessado em: 28 dez 2010.

ALMEIDA, Germano. *O Mar da Lajinha*. Lisboa: Caminho, 2004.

ALMEIDA, Germano. *O Testamento do Sr. Napumoceno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ALMEIDA, Germano. *A Família Trago*. Lisboa: Caminho, 1998.

ALMEIDA, Germano. *Os Dois Irmãos*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995

AUGEL, Moema Parente. *Três Faces da Nação* (Prefácio). In: SILVA, ABDULAI. *A Última Tragédia*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006, PP. 7-20.

CABRAL, Amílcar. *Unidade e Luta*. Disponível em:  
[http://www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/livro\\_amilcar\\_cabral\\_unidade\\_e\\_luta.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/livro_amilcar_cabral_unidade_e_luta.pdf)  
f Acessado em 26 Abril 2001.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro. 10 ed: Ouro Sobre Azul, 2008.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GUERREIRO, Maria M. Lopes. *Germano de Almeida e a Nova Escrita Cabo-verdiana: um estudo de O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*. Praia/Mindelo: Embaixada de Portugal/Centro Cultural Português, 1998.

LABAN, Michel. *Cabo Verde – Encontro com Escritores*, Vols. I d II. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

MARCOS, E. M. S. ; QUEIROZ, A . *Construção do discurso paródico e foco narrativo em o testamento do Sr. Napumoceno, de Germano Almeida*. In: Anais do III Seminário



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Nacional de Estudos de História e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas. Campina Grande/PB, 2010. p. 171-178.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *As Inscrituras do Verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura. Recife: UFPE, PGLetras, 2007.

SEMEDO, Manuel Brito. *O Modelo Brasileiro e a Literatura Moderna Cabo-verdiana. Estudo comparado*. In\_\_ *África: revista do centro de estudos africanos*. São Paulo: USP, PP. 253-265, 2001.

SPÍNOLA, Danny. *Cabo Verde: As Ilhas da Morabeza*. Disponível em: [http://www.aucv.rcts.pt/word/cabo\\_verde\\_site\\_final\\_revisto.pdf](http://www.aucv.rcts.pt/word/cabo_verde_site_final_revisto.pdf). Acessado em 12 mar 2011.

VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura e Poder na África Lusófona*. Lisboa: Ministério da Educação Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.